

Os iniciantes sofrem alguns penosos anos com seus supervisores de frases enigmáticas que, não raro, sequer foram de fato ditas por Lacan.

Dito isso, poderemos questionar o que

é datado em Freud? Conseguiremos ousar ir além da lógica do Grenal, isto é, da camiseta que supomos vestir? Ou Freud será para sempre intocável por ser o *pai da psicanálise*?

O silêncio dos *Homens ao sol*: literatura, guerra e psicanálise

FLÁVIA BERNARDI

*Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente*
("Sólo le pido a Dios", León Gieco, 1978)

No dia em que concluí a leitura de *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani, soube logo depois, pelas notícias, que bebês e crianças em estado de desnutrição grave poderiam morrer caso não fosse liberada a entrada de ajuda em Gaza. Na sequência, vi o apelo de uma senhora palestina que carregava o sobrinho no colo, em fuga dos ataques israelenses, também em Gaza: ela implorava ao mundo por ajuda para parar o holocausto palestino: "Nos matar teria sido menos cruel! Não queremos sua comida! Não somos animais! Onde está o mundo? Queremos que a guerra pare... Estamos exaustos!", dizia ela aos soluços.

Eu, sensibilizada com a leitura que me consumira – sobretudo nas páginas finais do livro –, também chorei. Há momentos em que a única saída parece ser chorar, porque os horrores e o genocídio provocam uma dor tão avassaladora que fica difícil articular palavras. É triste, apavorante, revoltante. A guerra (que naquele momento completava 591 dias)¹ se desdobra em tantas camadas de horror que se torna quase impossível acompanhar, elaborar, metabolizar.

Ghassan Kanafani foi escritor, ativista político e pioneiro da literatura de resistência pa-



lestina. Ele foi assassinado em 1972 pelo Mossad, o serviço secreto de Israel. Em *Homens ao sol*, narra a história de três homens que acreditavam que emigrar era a única chance de serem reconhecidos, de serem "alguém ao sol". Sua escrita vai além da denúncia: ilumina confusões ainda tão presentes – muitas vezes intensificadas por discursos religiosos – como a associação entre o Israel bíblico e o Estado moderno de Israel. A literatura, nesse sentido, é uma via de conhecimento, porque nos convida a distinguir hebreus, judeus, sionistas, árabes... A leitura de Kanafani também parece contribuir para dar à Palestina um lugar no mundo – ainda que seja apenas no mundo de quem lê.

Se, como psicanalistas, acreditamos na força da palavra, talvez possamos acreditar que isso já salva algo. Ainda hoje, a voz dos governantes – infelizmente, os que seguem mandando – insiste em não reconhecer a Palestina.

¹ Cálculo feito desde que o Hamas realizou um ataque surpresa ao sul de Israel, em 7 de outubro de 2023.

Falam em “os árabes”, como se toda aquela população fosse uma massa indistinta. A potência literária talvez esteja em oferecer visibilidade às nomeações adequadas, em revelar outros (e verdadeiros) lados das histórias estrangeiras, ajudando a desconstruir generalizações injustas. A literatura, afinal, é transformadora.

Adorno escreveu, certa vez, que depois de Auschwitz seria impossível escrever poesia. Mas não foi. Passado o momento do choro – inevitável! –, não só a poesia como também a literatura, a música, o cinema, a psicanálise seguiram sendo possíveis, apesar desse e de tantos outros “circos de horrores”. Como lembra Nietzsche: “a arte existe para que a realidade não nos destrua”.

Hoje seguimos contando os dias da guerra em Gaza, ainda que já não haja como calcular o custo humano, político e moral desse conflito entre Israel e Hamas. Milhares de mortos, inúmeros reféns, sofrimento incalculável e ruínas. Que ali há um genocídio, parece evidente. Mas por que os países não se unem para dar um basta? O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) – órgão com poder de determinar intervenções militares, enviar forças de paz e adotar sanções econômicas – permanece paralisado.² É inconcebível que não consigam ser unânimes em hastear a bandeira da paz.

Lembrei, então, da carta que Albert Einstein enviou a Sigmund Freud em 1932, perguntando-lhe se haveria uma forma de livrar a humanidade da guerra, já que mesmo com o progresso da ciência todas as tentativas de solução haviam fracassado. Perguntava ele: “É possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?”³. Em sua resposta, Freud advertiu: “A violência podia ser derrotada pela união, e o poder daqueles que se uniam representa, agora, a lei, em contrapo-

sição à violência do indivíduo só. Vemos, assim, que a lei é a força de uma comunidade. Todavia, ela é ainda violência, pronta a se voltar contra qualquer indivíduo que se lhe oponha”.

Dissuadir o homem da violência que nele habita não é tarefa simples: faltam palavras para dar conta do que pulsa no psiquismo. Como dizia minha avó: o furo é muito mais embaixo. E a promessa de que “o sol nasceu para todos”, de forma igualitária, está longe de ser verdade. Tanto que, ao final de *Homens ao sol*, os três personagens morrem asfixiados dentro de um caminhão, em silêncio, sob o calor escaldante do deserto. As últimas linhas ecoam, em forma de grito, uma pergunta dirigida a todos nós: “Por que eles não gritaram?”.

Essa pergunta gritou em mim, a exemplo da senhora com a criança no colo, como um lamento coletivo. Por quê? Talvez não tenham gritado porque sabiam que ninguém os escutaria; ou pelo medo da represália, da morte. Para eles, o mundo já estava surdo havia muito tempo. Mas, no fim, a morte veio de qualquer forma. O caminhão do livro transformou-se hoje numa Gaza sitiada – onde o silêncio da morte segue sendo a língua dos palestinos, sufocados, privados de ar, comida, espaço, escuta e humanidade.

Kanafani nos sacode com sua literatura real: berra através de seus personagens e nos arranca do conforto da indiferença. Ao morrerem calados, os três homens denunciam o barulho ensurdecido de um mundo que escolheu não ouvir. É impossível sair ileso da leitura de *Homens ao sol*: escutar aquele silêncio impede qualquer um de fingir que não ouviu.



KANAFANI, Ghassan. **Homens ao sol**. Rio de Janeiro: Tabla, 2023.

2 Estados Unidos, Reino Unido, França, Rússia (antiga União Soviética) e China são membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. Além deles, há 10 membros rotativos, eleitos pela Assembleia Geral para mandatos de dois anos. Atualmente: Argélia, Benim, Brasil, Gabão, Filipinas, República da Coreia, Serra Leoa, Eslovênia, Suíça e Malta. Quando algum dos cinco permanentes vota uma medida, ela é automaticamente barrada.

3 Em 1932, a Liga das Nações pediu a Einstein que explorasse caminhos para a paz. Ele, por sua vez, convidou Freud. As cartas foram publicadas em 1933, em francês, inglês e alemão.

Talvez minha avó soubesse, mesmo sem saber, que o que nos move é justamente esse furo – a falta que dói, mas que também abre espaço para o desejo, o sonho, a invenção. A psicanálise não oferece respostas prontas – ainda bem! –, mas nos convida a sustentar perguntas, a não recuar diante do mal-estar, a escutar o que insiste, mesmo quando não se diz claramente. Como psicanalistas, como leitores, como seres humanos: não podemos

deixar que o horror se normalize. Que sigamos perguntando, duvidando, sofrendo com o sofrimento do outro. Porque, no fim, é nessa escolha – a de não se anestesiarmos – que talvez ainda resista alguma forma de esperança.

Se a literatura e a psicanálise têm algum poder – e eu acredito que tenham –, é este: o de romper os silêncios. O de escrever e dizer um grito. Um grito que ecoe até que o sol, enfim, possa nascer para todos.

Dentro e fora de Auschwitz: piromania

PAULO FERNANDO MONTEIRO FERRAZ

Salivava de prazer ao me contar o quanto se detinha na incineração de documentos impressos, fotos antigas, objetos pessoais em desuso e quinquilharias. Riscava fósforos, manuseava isqueiros, lidava com querosene, álcool e outros materiais inflamáveis. O fascínio de ver as formas se transfigurarem pelo fogo brotara na infância. Na brincadeira de bombeiro, poupava vidas e relegava outras tantas à danação. Nessa trama em que era o diretor e o protagonista, revezava-se entre o herói e o vilão. O masoquismo, o sadismo e a escopofilia convergiam nesse cerimonial íntimo de acompanhar a agonia dos personagens que comburiam em sacrifício. Para se salvarem da tragédia, os bonecos se precipitavam de galhos de árvores e de tijolos empilhados que simulavam prédios, mas acabavam devorados pelas famintas labaredas e se transformavam em pastas multicolores, semelhantes a *marshmallows* tostados. Adorava as espirais de fumaça, a coreografia das brasas, as crepitações e o enegrecer de uma arquitetura que se eclipsava no gramado de casa.

Aos poucos, esses episódios desconexos foram adquirindo liames inesperados. As associações acendiam memórias subterrâneas e dispersas. Em uma das sessões, resgatou a genealogia judaica. Falou das diásporas, dos ancestrais que foram vítimas do Holocausto, da xenofobia endêmica, da guerra entre Israel e Palestina, dos terrores que grassam à revelia, da Sheol – o “lugar de espera” em que a legião de almas, independentemente dos crimes ou das virtudes, poderiam se

reunir e encontrar a paz – e dos preconceitos que se regeneram como as cabeças da Hidra de Lerna, derrotada por Hércules, na mitologia.

Depois de inúmeras *blitzkriegs*, o que se dissolvia na fuligem das resistências veio à consciência: herdeiro de uma dor alienante, ele descobriu, a partir de conversas entre os familiares, que o tataravô talvez tivesse sido incinerado em Auschwitz. Os superlativos enredos dos romances familiares aludem aos conteúdos psíquicos *homeless* (desabrigados, sem continente) que estão prestes a assumir novas dramaturgias no campo analítico. A verdade histórica e a realidade psíquica convergem no *setting*. Incrédulo, começa a entender o porquê de sua ligação passional ao fogo, elemento ambíguo que aniquila e purifica. Em sua alma, convergiam as angústias e as culpas de uma catástrofe coletiva que jamais se apagará. Devia um tributo aos que se foram? Os crematórios nazistas e toda a mecânica de terror atiçavam as suas fantasias desde a escola. O desejo paricida se disfarçava nessa força que o impelia a ser algoz ao invés de mártir? Enrodilhado pelas fagulhas de uma história que contava a si próprio para se anestesiarmos, iniciou o luto transgeracional. Em meio às dores fantasmáticas que vagam insepultas à procura de intérpretes, o trauma que lhe fora inoculado pela telescopia agora tinha voz e um destino a ser traçado: o dele, livre de uma herança que o punha em desacordo com a humanidade. Agora, teria a chance de ressignificar e de escolher entre estar dentro ou fora de sua metáfora privada de Auschwitz.